

F M L P E P P E R

13

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2017

1

REBECA 2 ANOS ATRÁS

— **A**rgh! Sua... — Suzy balança a cabeça, negando, remoendo o assunto que lhe consome a alma, a cor das bochechas passeando do alaranjado para o vermelho vivo. — Você não pode ter controle sobre tudo, Rebeca! Ninguém pode!

— Quer apostar? — digo, implicando um pouco mais antes de abrir um sorrisinho cretino, o arremate perfeito para uma piscadela marota.

Quero ver de que cor seu rosto pode ficar. Sinto um ligeiro aperto no peito. *Sentirei falta disso...*

— Cabeça-dura! A vida ainda vai te mostrar e... — Vejo a resposta atrevida dançar em seus lábios, cambalear no ar e ser levada pelo vento.

Suzy olha para cima de repente, distraída pelas pinceladas de luz que fazem desenhos sinistros no céu, e acelera em direção ao parque de diversões de segunda categoria.

— Quando eu disse “uma noite de despedida” não era para ter levado ao pé da letra, Suzinha. — Faço uma careta de pavor assim que ultrapassamos o decrépito arco de boas-vindas, uma guirlanda de letras desbotadas, bordas corroídas pela ferrugem, pendendo perigosamente sobre nossas cabeças.

Se a entrada já está assim...

— Ouvi ótimos comentários sobre este parque.

— Onde? No obituário da cidade? Dá uma olhadinha no ótimo — faço aspas com os dedos — estado da roda-gigante e do

carrossel. Olha! Só sobraram os esqueletos dos pobres cavalinhos. E a montanha-russa então? É, no mínimo, da época dos faraós!

Suzy revira os olhos, ignora minhas piadinhas e aperta o passo pelas fileiras de barracas de algodão doce, tiro ao alvo e pescaria. Tento parecer imune, mas o ambiente decadente me gera um estranho mal-estar. Os rangidos do velho maquinário parecem uivos aflitos de correntes sendo arrastadas, e estão por toda parte. Sombras ganham vida, engolem as luzes às minhas costas, crescem no canto do olho e, sorradeiras, desaparecem em meio às pinturas descascadas e ao crepitar dos brinquedos. Um ruído estridente, de dor, emerge do galpão do trem fantasma e arranha meus tímpanos e nervos. Um arrepio percorre meu corpo inteiro.

— Deve ser aqui por perto — matuta ela, afastando os cabelos do rosto.

Folhas secas rodopiam num balé mal coordenado ao nosso redor e são levadas para longe pelas incessantes rajadas de vento.

— Não tem nada aqui por perto além deste palhaço aí nos encarando com um sorriso psicopata. — Mostro o banner pendurado no poste à nossa frente. — Ele é a cara daquele boneco assassino. Qual era mesmo o nome...? Ah, sim... Chucky!

— Quer parar com isso? — reclama Suzy. — Vou perguntar a alguém.

— Na boa, amiga... Tá todo mundo indo embora. Até os vendedores ambulantes já se mandaram. Vai cair um temporal! — Confesso meu desejo colocando a culpa no céu carregado de nuvens pesadas. — Por que não voltamos outro dia? Mais cedo, de preferência.

— Não! — retruca ela, mais enfática do que nunca. — É a última noite do parque na cidade. Preciso encont... Ah! Achei! — Suzy vibra ao se virar para o kamikaze.

— Ah, não. Se não cairmos espatifadas lá de cima, na certa morreremos de tétano — resmungo com os olhos arregalados ao avistar o brinquedo onde meia dúzia de corajosos (ou loucos de pedra!) berra e camufla o ruído pavoroso da casa de máquinas.

— Não é nada disso, sua tonta! É ali. — Há algo travesso em seu olhar quando levanta o queixo e indica uma tenda amarela atrás do kamikaze.

— *Madame Nadeje?* — Se estou com a testa franzida, não é porque tenho que forçar a vista para ler o letreiro em péssimo estado. — Uma cartomante? Você me trouxe aqui por causa... *disso?*

— Beth afirmou que a vidente é um assombro, que acertou absolutamente tudo e nos mínimos detalhes. A mulher falou sobre coisas íntimas e que...

O choque inicial passa, e, quando me dou conta, estou curvada, chorando de tanto gargalhar.

— Posso saber o motivo dessa crise de riso, Rebeca? — Suzy cruza os braços e contrai os lábios. — Só por que você consegue todas as informações que deseja batucando seus dedinhos velozes em um teclado não quer dizer que não existam pessoas com poderes mediúnicos!

— Poderes?!? — Dou mais gargalhadas. — Você acha que alguém com tal capacidade “mediúnica” trabalharia aqui, nesta espelunca de milésima categoria? — Levo um das mãos ao alto e rodopio o dedo com desprezo. — Ela não passa de uma trambiqueira, sua tolinha!

— Você diz isso porque é... — Ela semicerra os olhos e solta, hesitante: — *Assim...*

— “Assim” como? — Arqueio uma sobrancelha. — Pode ser mais clara?

— Cética. Você não acredita em nada! Nem em destino nem em sorte! — Ela percebe minha mudança de postura e, depois de um instante de silêncio, acaba soltando: — Você acha que os números explicam tudo, que pode controlar o que quiser? Quer saber a verdade? Ninguém pode!

— Eu *acredito* no resultado das ações, no que vejo, no que consigo tocar! No dia em que me encontrar com Deus ou com a “Dona Sorte”, mudo de ideia, está bem?

Um trovão altíssimo, feito uma gargalhada demoníaca, reverbera pelo parque tenebroso. Algo estranho, ácido, arde em minhas veias. Chacoalho a cabeça e dou um passo para trás.

— Fé não se vê! Se sente! Quantas vezes preciso repetir isso?
— insiste Suzy, sem se abalar, mais do que nunca determinada a ter a palavra final nessa discussão sem pé nem cabeça.

Mordo a língua para não dar uma resposta atravessada.

Suzy e essa mania idiota de acreditar cegamente em tudo! Quero fazê-la enxergar que crença inabalável nas pessoas é inocência demais e só traz problema. Minha vida é a prova contundente de que as pessoas usam o poder que têm para conseguir o que querem, passando por cima de famílias, vidas, amores. Meus sonhos foram roubados quando eu ainda era criança. Sou o produto desse tipo de comportamento, Suzy, não. Ela não foi obrigada a crescer em meio a ervas daninhas, é bondosa, diria até que tem um quê de ingenuidade. *Talvez seja por isso que eu me importe tanto com ela...*

— Desculpa, Su. É que... — murmuro, sem encará-la. — É tão obvio! Não passa de um truque. A vigarista só quer a sua grana.

Não quero discutir com ela. Não esta noite. Sinto um aperto ainda maior no coração. Seguiremos caminhos diferentes e, por mais que ela jure que não perderemos contato, sei que não é verdade. Nunca é.

— Um dia você vai acreditar em Deus e nas pessoas, Beca. Só espero que não seja tarde demais — conclui, me puxando pela mão quando uma nova rajada de vento e poeira nos atinge. — Venha! Antes que comece a chover.

Sigo seus passos sem contestar. Passamos pelo kamikaze e vamos em direção à barraca da tal Madame Nadeje, uma tenda árabe amarelo-ouro que lembra um cenário do filme do Aladim. Tem enfeites dourados pendurados em todos os cantos e, assim como o parque de diversões, está caindo aos pedaços.

— Quero me consultar — diz Suzy para o segurança.

O homem robusto, de nariz adunco e vestindo terno escuro puído, vigia a entrada de braços cruzados.

— É maior de idade?

— Sim. Acabei de fazer 18.

— Documentos. Duzentos reais. Com revista — dispara o sujeito.

— O quê!?! — Meus olhos quase saltam das órbitas. Agarro o ombro da Suzy com força. — Tá louca? É muita grana!

— Rebeca, para com isso. Você tem que respeitar a minha decisão — rosna ela, irredutível.

Para meu espanto, vejo que Suzy está ficando magoada, e a solto.

Droga! Não posso deixar que esses trambiqueiros levem o dinheiro da minha amiga!

Meu radar para falcatrua apita. Sou capaz de sentir o cheiro de tramoia a vários quilômetros de distância.

Por que tenho tanta certeza disso?

Porque sou uma ladra.

Desde pequena conheço as artimanhas do crime. A bandidagem foi meu berço e minha escola; o roubo, minha arte. Nasci para isso. Se é um dom ou uma desgraça, ainda não sei. O certo é que os números são o ar que respiro, e a informática corre como sangue em minhas veias. Posso invadir contas bancárias num piscar de olhos, decifrar qualquer senha.

— Revistar por quê? — pergunto, sarcástica, para o sujeito carrancudo. — Se fôssemos terroristas armadas, a “grande” Madame Nadeje já não teria previsto? — Sinto um beliscão na cintura. — Aiiiiii, merd...!

O segurança franze a testa e, com os olhos contraídos, me analisa de cima a baixo. Eu o encaro. Logo em seguida, ele faz a inspeção da bolsa de Suzy com o auxílio de uma lanterninha.

— Espera aí! — rosno ao vê-lo encaminhar Suzy para dentro e me barrar. O estranho mal-estar cresce. Eu me sinto ridícula, fazendo papel de idiota, mas não posso deixar Suzy sozinha com esses vigaristas. — Eu pago. Vou entrar com ela!

— Uma consulta de cada vez — diz ele.

— Não vou me consultar. Só vou acompanhá-la!

O homem balança a cabeça, negando, e estufa o peito.

— Vai ficar tudo bem, Beca — intervém Suzy, visivelmente assustada com a minha acalorada reação.

Para falar a verdade, eu mesma fiquei assustada.

Mas há algo errado acontecendo. Posso sentir.

— Entra uma de cada vez — repete o sujeito com um olhar feroz. *Se ele pensa que me assusta fazendo cara feia...* Não recuo. — Se quiser se consultar, garota, terá que esperar a sua vez.

— Vamos embora. Não estou gostando. — Acho que estou implorando agora.

— Chega! Você está tensa por algum outro motivo.

— Não é isso! — grito, agitada. — Isso aqui...

— Shhh. Não importa o que é *isso aqui*. — Ela frisa, olho no olho. — Quero pagar para ver. Fica fria. Eu volto já.

Minha amiga contrai os lábios e se desprende de mim, acompanhando o segurança em direção ao interior da barraca.

— Não! — De repente me vejo correndo, passo por eles feito um raio e entro na tenda à força.

— O quê...?!? Rebeca! — Suzy leva as mãos à cabeça, exasperada.

O interior é uma pancada no cérebro, um ninho de informações, poluído demais, com uma absurda quantidade de objetos em exibição. Inúmeros adereços dourados trepidam, pendurados no teto por linhas invisíveis, e brilham refletindo a luz — é quase hipnotizante. Pisco com força, tentando desesperadamente adaptar a mente e a visão. De repente me vejo em espelhos de diversos formatos e tamanhos. Viro o rosto em todas as direções, vasculhando o lugar em meio às várias estátuas de madeira e metal, vasos de cerâmica com plantas, outros de vidro com flores amarelas e vermelhas, falsificações grosseiras de tapetes persas e almofadas coloridas espalhadas pelo chão. Castiçais com velas acesas e incensos abafam o ambiente. Não são apenas meus

pulmões que se sentem sufocados, minha racionalidade também. Foco e razão escorrem como água por entre os dedos. Um arrepio frio sobe por minha coluna até minha nuca. Decifrei o mal-estar.

É um alerta.

De perigo.

— Olá — saúda a voz feminina que me traz de volta à realidade.

No centro da tenda há uma mesa redonda coberta com uma toalha vermelha repleta de desenhos de anjos dourados. Sentada atrás dela, uma senhora de idade avançada e vívidos olhos negros tem as mãos sobre uma cintilante bola de cristal.

— Uau! — digo, irônica, olhando os espelhos. — Onde estão os pontos das câmeras? Eu sei que dentro desta bola de cristal tem o monitor de um computador, espertinha.

— Já pedi pra você parar com isso, Rebeca! — As bochechas de Suzy ficam roxas. — Respeita minha privacidade!

— Privacidade, minha cara, é algo que só existe dentro da sua cabeça — debocho.

O segurança passa por ela e marcha em minha direção. Não me deixo intimidar.

— A senhora não tem vergonha de roubar o dinheiro de uma garota ingênua? — Estou descontrolada, só pode ser. Preciso achar um culpado. *Meus hormônios! Ou seria o prazo final do Jean Pierre chegando?*

— Está bem! Eu explico. — Levanto os braços em sinal de rendição e encaro Suzy. Quero que ela olhe dentro dos meus olhos. — Aquilo na mão do segurança não é uma lanterna, amiga. É uma câmera que já passou seus dados para a trambiqueira. Ela terá acesso a tudo: nomes dos seus familiares, onde mora, o que faz, o que posta no Facebook, Twitter, Instagram etc. Em poucos segundos, toda a sua vida aparecerá “como mágica” na tela da bola de cristal!

— Isso é loucura! — Suzy fica desnordeada por um momento. Olha, hesitante, de mim para a vidente, que, por sua vez, apenas sorri. — Só porque você é uma... — Ela engasga, mas não diz o que sabe. — Nem todo mundo é desonesto, raios!

— Conheço esse golpe de merda!

— Para!

— Esta mulher vai te enrolar até arrancar todas as informações que precisa. Aí vai inventar um monte de coisas, e você vai morder a isca que nem um peixe, sua imbecil!

— Imbecil... — Suzy se retrai, e uma lágrima surge em seus olhos gentis.

Droga! O que foi que eu fiz?

— Me larga!

Tento me debater, mas o segurança me imobiliza.

— Essa garota está arrumando confusão desde que chegou, Madame Nadeje — explica ele, irritado.

A mulher não responde e, inclinando a cabeça, me estuda com um olhar de águia. Os cabelos grisalhos em contraste com sua pele morena.

— Que droga! Eu só quero te proteger! — guincho enquanto sou levada à força para fora da tenda. — Desculpa, amiga. Eu não quis...

— A gente se fala na saída — conclui ela de forma seca e sem olhar para mim.

Vigiada pelo leão de chácara, fico esperando Suzy do lado de fora da barraca. Ando incontáveis vezes de um lado para outro. Tempo suficiente para decorar as falas da *Conga - A mulher gorila*, o show idiota que está acontecendo aqui do lado. O tempo vai piorando, e nada de Suzy sair. Dez minutos. Meia hora. A ventania ganha força. Relâmpagos metralham o céu, e começa a chuveiscar. Puxo o capuz do casaco e me encolho, espremida sob a pequenina cobertura de lona que contorna a tenda da cartomante. As luzes de várias atrações são apagadas e até mesmo o alto-falante da *Conga* já foi desligado. As poucas pessoas presentes vão desaparecendo do meu campo de visão, e o parque de diversões fica deserto e silencioso. *Que ótimo!*

— Quanto tempo ainda vai demorar? — pergunto para o segurança, que mal pisca.

— Depende do cliente. A consulta com a Madame Nadeje não tem tempo definido.

— Depende do acesso aos dados do cliente, isso sim. A conexão com a internet nessa espelunca deve estar complicada por causa do tempo horroroso, né?

O homem estreita os olhos, mas não diz nada. Fecho a cara e fico contando os intermináveis minutos. É tarde da noite quando Suzy finalmente reaparece. A bronca na ponta da língua se dissolve ao dar de cara com seus olhos inchados. Seus cílios tremulam cheios de lágrimas. Sinto meu peito estilhaçar.

— Suzy, por favor, não fica assim. Você não pode acreditar em nada do que a cartomante disse. — Seguro suas mãos ao vê-la soluçar. — Vem. Vamos sair daqui antes que o céu desabe. Onde deixou o carro?

— No estacionamento próximo ao mercado de peixes. — Sua voz sai fraca, quase um sussurro. — E você?

— Perto do caneco gelado do Mário. Nem sei se podia parar lá. — Dou de ombros e faço uma cara travessa. — Por sinal, a gente devia ter ido comer uns bolinhos de bacalhau e tomar cerveja em vez de ter se metido nessa furada aqui, isso sim.

— Não tem medo de levar uma multa ou ficar sem o carro?

— Fica fria. Invado o sistema do Detran e limpo minha ficha se for preciso. — Abro um sorrisinho inocente ao compreender sua preocupação. — Além do mais, os furtos caem em dias chuvosos. É questão de probabilidade.

— Que ótimo. Lá vem você com essa história de novo — diz ela, bufando.

— Cara, quanto estresse por bobagem! Tinha um engarrafamento monstruoso por causa de uma blitz da Lei Seca, e, como eu já estava mega atrasada para o nosso encontro, estacionei no primeiro lugar que encontrei, ok? Não tenho culpa se, em vez de

irmos para um barzinho descolado qualquer na região oceânica, você resolveu me trazer para um parque horrroso nessa área *maneiríssima* de Niterói.

— Ela disse que Gabriel só está me usando. — Suzy mal escuta o que digo e, com a testa toda enrugada, confessa o que a deixou perturbada. — Madame Nadeje disse que ele fez uma aposta com os amigos. Vai terminar o namoro assim que transarmos.

— Não precisava ter gasto sua grana para descobrir isso — retruco, sarcástica. — Todo mundo sabe que o cara é um babaca. Eu te avisei há muito tempo. — Suzy recua de cabeça baixa, e eu me sinto mal por ainda estar dando sermão. — Desculpa, não quis... — *Droga! Não estou dando uma bola dentro!*

Assim que colocamos os pés do lado de fora da cerca de arame, as luzes do parque de diversões se apagam. Vários postes estão com as lâmpadas queimadas, e o posto de gasolina adiante, o único ponto seguro na área, também está fechado e todo apagado, deixando o entorno na penumbra. Num silêncio desconfortável, caminhamos depressa pelas calçadas desertas e atravessamos a grande avenida e depois as ruas secundárias. Fugindo dos pingos insistentes e das poças que começam a se formar no caminho, chegamos ao muro pichado da estação de tratamento de esgoto ao lado do terreno onde Suzy estacionou o carro. Sua torre de cimento se destaca por estar envolta por um interminável emaranhado de cabos e fios.

— Quando é que seu pai vai trocar isso daí? — Tento amenizar o clima estranho e aponto para a cabalística placa KQN-1313 assim que chegamos ao estacionamento.

— Todos lá em casa adoram o número treze — resmungo ela. — E para quem não acredita em sorte, até que você é bem supersticiosa.

— Não tem nada a ver com sorte ou azar — respondo, revirando os olhos. — Simplesmente não gosto deste número.

E, sem mais nem menos, Suzy cai no choro. Aturdida, lhe dou um abraço forte. Seus soluços comprimem meu coração, e uma ardência

terrível se aloja em meus olhos. A ventania fica feroz, e nossos rostos são açoitados por rajadas de poeira. Está cada vez mais difícil manter os olhos abertos, o que vem bem a calhar: esconde a solitária lágrima que resolve, sem autorização, rolar por minha bochecha.

— Não fica assim, Su. Vai ficar tudo bem. O Gabriel não merece isso.

Ela meneia a cabeça e se afasta de mim. Eu a observo arfar forte e entrar no carro.

— O prazo do Jean Pierre encerra mesmo depois de amanhã? — pergunta, sem mais nem menos. — Por favor, não aceite a chantagem. Nunca terá fim.

Levo uma rasteira.

Ela nunca questionou a vida que levo. Talvez esta seja sua segunda melhor qualidade: *não me julga nem me condena*. Suzy, a garota de pele cor de jambo, olhos puxados e rosto exótico, uma mistura bem-feita de um mineiro com uma tailandesa é, sem sombra de dúvida, a melhor amiga que eu poderia ter na vida.

— Por que está perguntando isso? — Engasgo ao compreender o motivo de seu pavor: *o roubo que eu e minha mãe faremos amanhã!*

A cartomante deve ter ficado com raiva de mim e, percebendo a ingenuidade de Suzy, “profetizou” fatos ruins em meu futuro. Na certa inventou qualquer coisa terrível sobre mim, e Suzy, por sua vez, relacionou com o golpe programado para amanhã. A pobre coitada foi usada como mensageira para me colocar uma pulga atrás da orelha.

— Por que não volta atrás? Por favor, tira essa ideia da cabeça.

— Ah, fala sério! Você não pode acreditar no que a vigarista *Madame-sei-lá-do-quê* disse, né?

— Mas o Jean Pierre...

— Será a última vez com ele, ok? Vamos quitar nossa dívida de uma vez por todas.

— Mas... E a Dona Isra? — Ela insiste. — Sua mãe não tem mais idade para isso.

- Mamãe está muito bem e saudável.
- Mas você não se arrepende do que faz? É muito perigoso! Você ainda tem uma vida inteira pela frente, e Dona Isra, ela...
- Céus! Vai ficar tudo bem! — Levo as mãos à cabeça. A conversa está começando a passar dos limites, fico agoniada. — Entrarei em contato assim que chegar a Barcelona.
- Mas...
- Chega de tanto “mas”, caramba! Quantas vezes preciso dizer que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar?
- Suzy solta um gemido e abaixa a cabeça.
- Viajo para BH daqui a duas semanas, quando a faculdade começa. Nas férias voltarei para Nikiti — murmura ela, algum tempo depois, mas encoberta por uma emoção estranha, pesada.
- Você não pensa no futuro, Beca?
- O que acha que estou fazendo? — debocho.
- Você entendeu o que eu quis dizer. Ter uma profissão, poxa! Quem sabe até estudar na mesma faculdade que eu. Seria tão bom...
- Agora endoidou de vez. — Faço uma careta. — Faculdade? Eu? No meio do mato ainda por cima? Passo mal só de me imaginar morando num lugar longe do mar, presa num atoleiro de lama, capim e bosta de vaca, dentro de um centro universitário perdido no mapa de Minas Gerais. *Eca!*
- Eu vou para Belo Horizonte e não para uma área agrícola, sua tonta! — Ela rosna, tensa, mas desiste do assunto assim que os chuveiros se transformam em pingos grossos, metralhando o teto do estacionamento e fazendo uma barulheira infernal. — Entra aí. Não tem uma alma viva na região. Vou te dar uma carona até seu carro.
- Além de ser contramão, é você quem tem que ir logo antes que tudo inunde. Meu Mitsubishi é alto, aguenta o tranco. Sem contar que não tenho medo de andar em lugares desertos.
- Você dá muito mole para o azar, isso, sim — resmungo.
- Azar é outra palavra que não existe no meu vocabulário. — Reviro os olhos. — Acredito em estatísticas, e já disse, o índice de

criminalidade cai drasticamente em dias chuvosos. Os bandidos são espertos. Preferem ficar de boa, sequinhos dentro de casa. — O que é verdade. *Em parte.* Os assaltos a mão armada na cidade realmente caem durante tempestades, mas, com Suzy nervosa assim, eu jamais acrescentaria que o número de arrastões aos veículos presos em alagamentos triplica. — A probabilidade é praticamente nula.

— Praticamente nula não é igual a nula. E sempre existe uma primeira vez.

— Ah, fala sério! Junk food e cigarro matam mais que pivetes, e você bem que curte as duas coisas! — desdenho.

Suzy me encara, furiosa, abre a boca, cogita revidar, mas desiste.

— A gente se fala amanhã então — diz, ligando o motor.

— Não posso falar amanhã, você sabe disso. — Fecho a cara.

Mas que droga! O que foi que deu nela hoje? Por que está tão insistente?

— A gente se fala amanhã — repete, decidida, e acelera para fora do estacionamento.

— Suzy! — berro, mas é em vão.

O Peugeot vai embora, rugindo.

Assim que seu carro desaparece do meu campo de visão, os pingos grossos aumentam e uma tempestade fortíssima desaba na minha cabeça. Trovoadas apavorantes gritam nos meus ouvidos, como se tentando me alertar. Aperto o passo, sem saber se prefiro correr na penumbra sinistra ou ser guiada pela fantasmagórica claridade produzida pela artilharia de raios que tecem uma intrincada teia de eletricidade no céu e que ameaça cair sobre minha cabeça a qualquer instante.

Caminho o mais depressa que consigo, desviando das áreas já alagadas que surgem pelo caminho desnivelado. É tanta água que parece que está chovendo há dias, mesmo que tenha começado segundos atrás. *Seria uma tromba d'água?*

Começo a me sentir desconfortável com o ambiente deserto e, arriscando passar vergonha, saio correndo. Não quero pegar

uma gripe nem ficar presa aqui em caso de enchente. Pelo menos é o que digo a mim mesma. Mas a sensação estranha, angustiante e carregada de que estou sendo observada é o que dita o ritmo das minhas pernas.

— Aiii! Merda!

No meio da corrida, sinto uma fisgada aguda no pé direito, perco o equilíbrio e quase vou de cara no chão. Minha sandália linda, da última coleção da Arezzo, prendeu em um buraco, se soltou do meu pé e afundou numa poça d'água de tonalidade duvidosa com embalagens de Paçoquita e guimbas de cigarro boiando na superfície. Xingo ao enfiar a mão lá dentro para pescar a sandália.

Revoltada e mancando, chego aos tropeços na marquise do mais antigo mercado de peixes da região e me apoio na curiosa parede de azulejos com desenhos de caranguejos, lulas e camarões em um verde e um azul-claro que simbolizam o fundo do mar. Respiro fundo e, com o som da chuva retumbando nos ouvidos, checo os danos: duas tiras arrebentadas e um corte no pé ardendo demais. *Que ótimo!*

A maldita tempestade consegue ficar ainda pior. Mesmo diante da péssima visibilidade, avalio o percurso que terei que fazer descalça pelas áreas ainda não submersas. Dou risada da minha desgraça. *Talvez eu devesse ir nadando!*

Sinto na pele a urgência de uma terra sendo abandonada às pressas: calçadas desertas, portões fechados, janelas batendo, ruas se transformando em rios, carros acelerando ao máximo e furando sinais de trânsito sem a menor cerimônia, pouquíssimos ônibus passando. *Fuja*. Esse é o verbo que reverbera no ar, imperativo, a cada respiração ou trovoada ensurdecidora. As raríssimas pessoas que encontro pelo caminho o assimilam com perfeição, não ousam desafiar a força titânica da natureza, parecem desesperadas para voltar para casa antes que fiquem presas em outro alagamento memorável da “Cidade Sorriso”, que, diga-se

de passagem, pode ser encantadora em muitos aspectos, mas cujo trânsito caótico só nos faz debulhar em lágrimas. Absolutamente todas as lojas estão fechadas, e, sem um coração pulsando no centro comercial, a vida se foi.

Corro muito, focada como um touro em seu ataque mortal, em direção ao local onde estacionei meu carro. Abandonei as sandálias, a prudência e os trajetos alternativos. Tanto faz se avanço por entre poças de água pequenas ou gigantescas. Já estou toda encharcada mesmo.

Aos trancos e barrancos alcanço o hortifruti da esquina, entro pela rua correndo feito uma alma penada e, já sem fôlego, me apoio nos joelhos por um instante. Necessito de ar. Arquejo com força e várias vezes, mas não é o suficiente. *Droga! Preciso me exercitar mais!* Meus pulmões reclamam, ofegantes, mas de uma forma estranha. Não acho que seja por falta de oxigênio. Por alguma razão, tenho a sensação de que é uma espécie de aviso.

Observo as redondezas: nada.

Não há absolutamente ninguém em qualquer que seja a direção que eu me vire. Apenas eu, o meu possante no final do quarteirão, os uivos sombrios do vento e o aguaceiro interminável bombardeando meu cérebro. Algo reluz de repente e chama minha atenção. Olho rapidamente para cima. Arfando, observo as cortinas nas janelas dos velhos sobrados com faixadas descascadas e azulejos de várias décadas atrás. Estão imóveis. Mas o meu coração não. Balanço a cabeça, confusa com minha própria reação. Respiro fundo e volto a correr pela calçada alagada. Passo em disparada pelos portões de ferro das construções antigas e, molhada da cabeça aos pés, chego ao meu solitário carro estacionado entre o melhor botequim de bolinhos de bacalhau da cidade e uma loja de macumba. Com a boca seca, pego as chaves no bolso, entro como um relâmpago no Mitsubishi e bato a porta. Esfrego a camisa no rosto, mas não adianta nada; ela também está encharcada. Ligo o motor e enfio o pé no acelerador.

Tudo normal. Tudo tranquilo.

O ar retorna aos meus pulmões, e balanço a cabeça, me sentindo idiota por ter cogitado que algo fora dos padrões pudesse acontecer. Sorrio intimamente, ainda mais convicta das minhas certezas. Nada aconteceu, como era de se esperar.

O azar não existe.

Nem a sorte.

A vida é uma balança, e a estatística, os pesos. São eles que vão pender nossas vidas para um lado ou para o outro. Simples assim...

Uma trovoada altíssima reverbera em meus ouvidos, e, em seguida, um clarão ofuscante revela, por uma fração de segundo, um vulto avermelhado.

— O quê?!? Mas que merda é essa? — Por reflexo, estreito os olhos.

De repente fico alheia ao temporal, quando o espectro vermelho cresce de forma abrupta e passa feito um raio pela minha janela. *Cacete! Da onde surgiu isso?* Meu coração vem à boca, meu corpo congela, e os pelos da nuca eriçam quando vejo pelo espelho retrovisor o que era o vulto. Ou melhor, *quem* era o vulto.

Madame Nadeje?!?

O que essa cartomante maldita está fazendo parada aqui no meio dessa tempestade horrível?

Piso no freio.